

ALEXANDRE PINHEIRO TORRES

O NEO-REALISMO LITERÁRIO PORTUGUÊS



**TEMAS E
PROBLEMAS**

MORÆS
editores

Shi

**O NEO-REALISMO
LITERÁRIO
PORTUGUÊS**

João Andrade

lx. 1977

ALEXANDRE PINHEIRO TORRES

**O NEO-REALISMO
LITERÁRIO
PORTUGUÊS**

MORÆS
editores

Shi

TÍTULO ORIGINAL
O Neo-Realismo Literário Português

COPYRIGHT
Moraes Editores, 1976

CAPA
Luiz Duran
Moraes Editores

COLECÇÃO
Temas e Problemas

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
ELO-Mafra

1.ª edição — Fevereiro de 1977
n.º de edição — 724
3 000 exemplares

Direitos de tradução, reprodução e adaptação desta
edição reservados para a língua portuguesa

por
Moraes Editores
Rua do Século, 34-2.º
Lisboa — Portugal

DISTRIBUIDOR EM PORTUGAL
Expresso — Bloco Editorial de Distribuições, Lda.
Avenida Camilo Castelo Branco, 12-lote B
BURACA-DAMAIA

DISTRIBUIDOR NO BRASIL
Livraria Martins Fontes Lda.
Rua Conselheiro Ramalho, 330/340
S. PAULO

ÍNDICE

— Explicação necessária	7
REPENSAR (EM 1976) O NEO-REALISMO	
I — O «Humanismo» da Geração de 70 julgado pelo «Novo Humanismo» neo-realista. O Neo-Realismo como expressão literária do «Novo humanismo»	9
II — Da compatibilidade (ou não) do Neo-Realismo com a Arte	17
III — O que é o Neo-Realismo: notas para as novas gerações de não iniciados	27
REALISMO SEM FRONTEIRAS... OU COM FRONTEIRAS?	
— Os inimigos do Realismo ao ataque	43
— O Realismo como categoria	44
— O criado de Duque imita o Duque	45
— Os limites do Realismo	47
— Então só há obras realistas?	48
A NOSSA FICÇÃO E O NEO-REALISMO POSSÍVEL	
— A mania portuguesa de fazer estilo	52
— Falta aqui uma grande Razão	53
— O compromisso: a verdade como critério da forma	55
— Encenação póstuma do passado?	56
— Resposta a uma pergunta de Augusto Abelaira	57
— Inventar para abrir ou fechar o campo de observação?	58
O NEO-REALISMO OU ALGUMAS DAS NECESSIDADES NÃO-PRIMÁRIAS QUE EQUACIONA	
— A simbologia do mundo que anda a cavalo	61
— A teoria das privações	63
— A miséria do Raimundo ou a miséria do mundo?	63
— O mundo visto de cima da alimária	64
— O universo das privações (ou das alienações: como se queira)	65
— O símbolo da privação	66
— As actividades lúdicas da burguesia como <i>ersatz</i> do risco	66
— O mundo que anda a cavalo é o dos fósseis.	67
— O verdadeiro ou o falso dilema entre a <i>informação</i> e a <i>criação</i> no romance moderno	68
— Da necessidade do impacto da informação	69
— De uma visão que podia ser paroquial (mas não era) para uma visão mítica	70
— Um mundo adicional, soberano e autónomo	71

CARLOS MALHEIRO DIAS: UMA OBRA EXEMPLAR
DA CATEQUESE NATURALISTA

— Algumas notas biográficas para lembrar um escritor esquecido	72
— Contexto político de <i>A Mulata</i>	73
— Inscrição de <i>A Mulata</i> no panorama do Naturalismo brasileiro	75
— Da artificialidade da «situação experimental»	76
— A catequese naturalista	80
— A abertura ideológica para o nacionalismo fascista	83
— Uma nação julgada pela fauna intelectual dos cafés	85
— Vale a pena ler os livros documentais do Naturalismo?	87

A «CIDADE E AS SERRAS» E AS FALSAS SOLUÇÕES SOCIAIS DO SOCIALISMO UTÓPICO PROUDHONISTA E DO SOCIALISMO BURGUESES DE HOJE

— Caracterização do código edénico	91
— O conflito entre o <i>objecto natural</i> e o <i>objecto cultural</i>	93
— A crítica errada de Zé Fernandes à Cidade	96
— A falsa consciência social apenas humanitária(?) do burguês perante o mundo...	99
— Jacinto e as suas «grandes» soluções sociais	101
— Eça: crítico das soluções proudhonistas?	105
— Das falsas soluções sociais do Jacinto de ontem às do socialismo burguês de hoje	107

«RETALHOS DA VIDA DE UM MÉDICO»: DENÚNCIA DA PERPETUAÇÃO FASCISTA DO OBSCURANTISMO

— O médico como personagem de romance	110
— Aviso a António José Saraiva: o povo do Neo-Realismo não é o de Júlio Dinis	112
— O código dramático do Neo-Realismo contra o código edénico de Trindade Coelho-Júlio Dinis	113
— O Fascismo perpetuador do obscurantismo do camponês	115

O CONFLITO ENTRE O INSTINTO E A SOCIEDADE

— <i>O eu e o tu</i>	118
— <i>A noite e o dia</i> . O símbolo da madrugada	121
— O repúdio da «solidão-a-dois»	124
— Outra vez o problema da «mudança»	126

UM EXEMPLO DE QUESTIONAR METAFÍSICO DO NEO-REALISMO

— Um livro com base em interrogações	128
— Augusto Abelaira e Jankélévitch	129

DO «ESTABLISHMENT» (BURGUÊS OU NÃO) E DE COMO DESTRUÍ-LO

— O que é o <i>Establishment</i> ? Resposta do Duque de Windsor (que é quem sabe)	132
— No jogo crianças-adultos vitória sempre dos cueiros por 11-0	133
— O desabar simbólico(?) dos colégios	134
— Onde se fala dos cucos nascidos em ninhos de pintaroxo	136
— O que é preciso é <i>sair</i> e não <i>entrar</i> na prosa existente	137

A BARBÁRIE DO CAPITALISMO

— Morreu o último leão do mundo	138
— As civilizações: barbáries perfeitamente ordenadas	139
— O festival do cogumelo atômico	140
— A idolatria da barbárie	142

UM ESCRITOR NEO-REALISTA À PROCURA DO POVO QUE EMIGROU

— Arcádias, Pastores & Ca. Lda.	144
— Um falso pastor (Rebordão Navarro) chega a uma falsa Arcádia (Viamonte)	145
— O falso pastor, frustrado agora, recusa-se a contar o já contado	146
— Que as almas se tranquilizem: já não há Povo	147
— Onde se prova que já não se pode fugir de Esparta	148

PROBLEMAS DA «INTELLIGENTZIA» PEQUENO-BURGUESA REPRIMIDA E FALSAMENTE RADICAL

— O problema de se escrever o que se quer (ou o que se pode)	150
— Ser ou não ser um «tratado de açorda»: eis o problema	151
— A fenomenologia do «ego» do anarquista	153

LUÍS PACHECO E O VERDADEIRO (OU FALSO)? LIBERTINO AO ATAQUE CONTRA O *ESTABLISHMENT* BURGUEZ E SEUS VALORES

— Luís Pacheco ou o Burlador de Braga, <i>Magister Artium Eroticarum</i>	155
— A exemplaridade negativa	157
— A defesa da exemplaridade positiva pelo castigo	157
— A miséria reabilitada?	159
— Contradições internas do surrealismo	160
— Alguns motivos por que surrealistas e marxistas não se gramam	161
— O estar dentro ou fora do <i>Hôtel des Surréalistes</i>	162
— O libertino salva a Família enquanto os surrealistas não lha papam	163
— Uma parábola para porcos	164

O CAMPONÊS INDIVIDUALISTA, ANTI-SOCIAL E PÍCARO DE AQUILINO RIBEIRO

167

O REALISMO FANTÁSTICO DE BRANQUINHO DA FONSECA

171

A MULHER E A SUA DESIGUALDADE. A CARTILHA LITERÁRIA DA SUBMISSÃO DA MULHER

— A <i>Carta de Guia de Casados</i> de D. Francisco Manuel de Melo como <i>thesaurus exemplorum</i>	174
— Uma linguagem concreta ao serviço de uma falsa teorização	175
— Como um falso postulado biológico legitima falsos princípios psicológicos e sociais	177
— O <i>apartheid</i> cultural contra a mulher	178

A MULHER CONDENADA PELA MORAL BURGUESA A SER «ADMIRÁVEL»

— A Sociedade-Para-Cortar-Os-Homens-Às-Fatias (em nome da «mulher nova»)	180
— Um clube para defender a «desigualdade» da mulher (em nome da «mulher velha»)	181
— A Mulher entre as duas mulheres (a «velha» e a «nova»)	181
— Onde uma atitude fútil pode reflectir um problema sério	183
— A condenação da mulher (sempre «velha») do «presente» português: ser admirável	185

DO QUEFAZER MONÓTONO DO BURGUESÍSSIMO «ANJO DO LAR»

— Monólogo em Pontypool	186
— Vinte e quatro horas da vida duma mulher	186
— O perigo das paráfrases	188
— O direito de «possuir», escrito num papel	189
— Marta de Lima não perdoa	180

O MUNDO DAS «METRÓPOLES» E DAS «COLÓNIAS» LITERÁRIAS (RETRATO TALVEZ CARICATURAL) 191

LITERATURA AFRICANA DE EXPRESSÃO PORTUGUESA: NEGRITUDE COMO ANTICAPITALISMO

— O Negro como «máquina» do Capitalismo	199
— A «máquina» e o seu drama	201
— Quando o Branco decide que o Negro também é humano	202
— A Negritude para além do Negro	204

A POESIA DE AGOSTINHO NETO: ENTRE O «ESPAÇO» E O «SER»

— O «espaço sagrado» e o «espaço disputado»	206
— A perda de identidade em relação ao espaço sagrado	208
— Pode o Negro ser livre num mundo em que o próprio Branco não o é?	210
— A reconquista do Espaço e do Ser	212

LUANDINO VIEIRA: DEZ ANOS DEPOIS (1964-1974)

— Um pouco de História	214
— O Negro: o seu Passado, a sua Cultura, a sua História	215
— A humanidade do Negro e a desumanidade da colonização	217
— A emergência do <i>homo-africanus</i>	219

O NEO-REALISMO LITERÁRIO PORTUGUÊS

Alexandre Pinheiro Torres nasceu em Amarante, em 1923, Bacharel em Ciências (Porto) e Licenciado em Letras (Coimbra).

Estreando-se com obras poéticas enveredaria depois por uma intensa actividade crítica e ideológica, em nome do "Neo-Realismo".

Nos anos 60 localiza-se o período mais proeminente da sua actividade doutrinária.

Entre as muitas polémicas em que se viu envolvido e se envolveu, é de realçar, pela importância na época, a que travou em 1963 com Vergílio Ferreira.

Membro do júri da Sociedade Portuguesa de Escritores que, em 1965, atribuiu o Grande Prémio da Novelística a Luandino Vieira, proibido pelo consulado salazarista de voltar a escrever na Imprensa, aceitou o lugar de 1.º Assistente no Departamento de Estudos Hispânicos da Universidade de Cardiff, tendo em 1968, sido promovido a Professor Extraordinário e, em 1976, a Lente daquela Universidade, a mais alta distinção académica até hoje conferida a um professor português na Grã-Bretanha.

Chefe da Secção de Estudos Portugueses e Brasileiros, fundou em universidades inglesas (1970) a primeira cadeira independente de Literatura Africana de Expressão Portuguesa (**African Literature in Portuguese**), de que é regente.

Grande parte da sua obra (ficção, poesia, ensaio) encontra-se ainda inédita.

Com este livro, que procura, em 1976, repensar o que foi o "Neo-Realismo" literário português, pretende a Moraes iniciar a publicação da vasta obra inédita de Alexandre Pinheiro Torres.

**TEMAS E
PROBLEMAS**

MORAES
editores

Shi